

Janaína Queiroz

O Abrigo das Fadas

Capítulo UM

Se você é uma mulher vaidosa e cheia de segredos sobre seus cuidados de beleza este livro é pra você. Seja bem-vindo ao universo feminino, ao qual todos os dias você se confronta ao admirar-se no espelho e não sentir-se muito confortável com a imagem refletida. Quantas mulheres são incompreendidas por demorarem horas a fio no ritual diário para melhorarem sua aparência, e se apresentarem minimamente aceitáveis na rotina de trabalho. Sei que sabes do que estou falando.

Os homens podem se sentir intimidados com nossa extrema paciência. Meticulosamente, nos maquiemos com a destreza e maestria de um artista plástico experiente. Lápis, rimel, baton, blush, a composição perfeita para um rosto delicado e de traços leves. Você, moça, é uma criação exuberante do Criador. Uma rosa delicada no jardim do Mestre da Vida.

Décadas não foram suficientes para minar o gosto feminino pela boa aparência. Criamos a moda, penteados sofisticados, sapatos glamourosos e todo tipo de adereço para nos enfeitarmos e darmos nosso ar da graça em qualquer lugar que frequentarmos. Definitivamente, as mulheres possuem uma força de atração que a faz ser vista e não apenas notada, mas também admirada.

Mulheres vieram ao mundo para deixá-lo mais alegre e convidativo. Recriaram uma atmosfera de lisonja ao percebermos que podíamos transformar qualquer princesa em uma decidida rainha. A pequena menina por trás do boneca ainda teria muito a aprender sobre seu papel na sociedade, e no quanto poderia se sentir única, ao mesmo tempo felizarda, em tempos de “guerra fotográfica”. Atualmente, possuímos infinitos recursos para fazer de uma imagem simples e humilde, uma apresentação pouco casual e bastante

espalhafatosa, transformando uma garota de pouco atributos em uma estonteante miss. O belo se esconde por trás de cliques no teclado do computador.

Lindsey estava no seu momento sagrado. Todos os dias, após o almoço, tirava alguns minutos à frente do notebook rosa para pesquisar as últimas tendências da moda norte-americana. Estava debruçada sobre a cama, tendo seu computador pessoal apoiado no travesseiro. A jovem vestia um jeans surrado ganho no último natal em família e tinha os olhos vidrados quase como se estivesse hipnotizada pela cores das peças caras de grife.

- Deixe-me ver! Uau, olha esse corpete azul royal. Uma maravilha de formas combinando com esta calça caqui. - Lindsey puxou uma caneta do copo sobre a escrivania, prendendo-a por entre os lábios, a fim de revover a tampa de plástico que encobria a ponta de escrever.

Lá fora, na pequenina varanda ornamentada de flores e, cujo chão era encoberto de pequeninas folhas amareladas soltas, oriundas do último outono, uma menininha de tenra idade com cabelos encaracolados e loiros bufava de raiva, enquanto se sacodia em um balanço improvisado preso à viga de madeira que sustentava o telhado da casa confortável e bastante hospitaleira.

De repente, a menina começou a chorar e Lindsey, logo, largou o notebook, deixando pelo meio do caminho sua pesquisa referente ao trabalho que desempenhava com dedicação e responsabilidade. A pequena criança continuava a se balançar agora com mais força, como se tentasse descontar sua raiva forçando uma queda daquele ponto. Lindsey ao chegar à varanda deu um salto no ar com medo da garotinha se jogar propositalmente em um espetáculo de manha e teimosia.

- Hoje é o primeiro dia da mamãe, Rebeca, e eu pretendo dar o meu melhor. Portanto seja uma menina boazinha e comporte-se. - Dizia Lindsey, enquanto segurava Rebeca no ar, tentando entretê-la até a chegada de sua mãe.

A jovem acabara de se mudar para a cidade. Hvia saído de um casamento conturbado e agora tentar se reerguer e

construir uma nova vida longe de tudo e de todos que haviam participado de seu passado infeliz. Como ainda não havia se firmado no trabalho, Lindsey combinara com sua mãe que esta deixaria Rebeca todos os dias na escola, ao mesmo tempo que desempenharia a função de babá da pequena. A garotinha tinha apenas 7 anos e ainda não conhecera uma boa educação. Repentinamente tinha ataques de fúria e manha, deixando Lindsey com o psicológico fora de controle e bastante desconcertada quando a menininha teimosa resolvia dar um de seus shows na frente de algum conhecido.

Rebeca não queria dar o braço a torcer. Erguia as mãos como se quisesse agarrar algo no ar, inquietava na pequena cadeirinha de balanço e já dava sinais de que a brincadeira a deixara estafada a ponto de dar os primeiros sinais de um bocejo enquanto seus olhos fechavam para embarcar em um sono profundo e tranquilo.

- Ah não, você não vai dormir agora. Preciso que fique bem acordada até a hora da vovó chegar. Querida, como vou deixá-la na escola sonolenta assim? Você não dormiu direito? - Lindsey interrogava a mãe aflita e bastante preocupada.

- Margot! **Margot!** - a menininha começava a gritar estendendo os braços em direção à boneca deixada sobre uma cadeira de vini.

No dia das crianças, **Lourrena**, mãe de Lindsey, comemorara com a filha o dia especial dando uma festinha para a neta querida. No dia, levava como presente uma bonequinha que aprendera a fazer em suas aulas de artesanato. A chamava de Margot e, assim, o nome permaneceu até chegar às mãos de Rebeca. Era muito fofinha. Feita de pano, com um vestinho cor de rosa e cabelos de lã amarela presos perfeitamente em duas tranças.

Elisa gostava de brincar com a neta no pequeno balanço feito com todo carinho por Lindsey para que a filha pudesse ter seus momentos de segura diversão. Na maior parte das vezes

levava Margot no colo, abraçando-a e tratando-a com todo o carinho que uma verdadeira mãe poderia dar.

De repente o despertador no celular de Lindsey toca pontualmente no horário programado para a ida de Rebeca à escola. Com tantas coisas por fazer e trabalhos a cumprir, Lindsey preferia deixar que o aparelho a lembrasse de suas responsabilidades. Apreciava não se preocupar com horários nem metas e por ser bastante perfeccionista, era preferível que sua mente se ocupasse e preocupasse somente com o resultado perfeito de seu árduo ofício.

Era uma costureira exemplar. Quando criança brincava de escolher estampas e costurar retalhos de tecido solto das roupas que sua mãe confeccionava. Deceidiu por seguir sua profissão e almejava ser tão boa quanto foi **Lourenne**. A gabaritada fashionista tinha o nome estampado nas principais colunas sociais de moda, e o fato de ser a filha de quem era a fazia ser vista pela mídia como a próxima cartada dos mestres da alta costura.

Sua primeira produção foi uma peça de roupa especialmente feita para sua primeira comunhão. No dia da cerimônia estava bastante feliz por ter um contato íntimo com o Senhor. Seria o primeiro dia que comungaria do corpo e sangue de Jesus Cristo. Chegou à porta da igreja matriz de sua cidade acompanhada de outras garotas de sua idade, todas vestidas de um branco alvo como a grinalda de uma donzela em seu casamento. Ao passar pela porta principal foi-se encaminhando ao seu devido lugar e preparava-se para proferir às palavras contidas em um grande Bíblia sobre o púlpito.

O processo de confecção do vestido fora demorado mas o resultado veio a calhar. Gastara bem pouco com o tecido e linhas, assim economizou uma soma de dinheiro no feito elaborado. Seu vestido ficou sendo admirado por todas suas amigas do bairro como o mais lindo da primeira Comunhão e logo seu nome ficara conhecido nas redondezas. Não demorou

muito para que a jovem se destacasse como uma costureira de mão cheia, com predicados que iam além do gosto feminino.

Lindsey, desde a sua mocidade, dedicara-se com afínco ao propósito de tornar-se uma costureira tão boa quanto sua mãe e depositava toda a sua energia na criatividade para criar novas peças e, quíça, tornar-se uma exímia estilista. Assim, mantinha um depósito em sua casa com todo o material de que precisava, bem como um acervo riquíssimo de revistas de moda com todos os estilos possíveis. Como era seu cantinho de estudo e trabalho, Lindsey tomava o cuidado de deixá-lo fechado, pois toda sua produção criativa era ali mantida.

Nas paredes haviam quadros com retratos de sua mãe ao lado dos maiores nomes da moda passada e atual. Para Lindsey, aquelas fotos serviam de motivação quando estava estafada e sem nenhuma ideia para composição de novas roupas. Olhava no fundo dos olhos daquelas pessoas e tentava imaginar suas histórias, seus sonhos, suas mazelas. Iniciava um monólogo sobre os percalços pelos quais passara e comparava sua vida com a destas pessoas. Não os conhecia pessoalmente, não tivera esse prazer, mas cultivara um sentimento profundo como se fossem seus verdadeiros amigos. Com toda certeza, se sua mãe fosse vida, ela os teria apresentado e, certamente, poderia ter cultivado uma amizade genuína e sólida com todo o grupo.

Ela possuía poucos amigos. Não era muito dada a amizades e relacionamentos e gostava de ficar sozinha em seu canto, recortando e costurando seus tecidos. O silêncio que pairava naquele cômodo era sua melhor companhia, assim os pensamentos fluíam mais facilmente, juntamente com as figuras dos moldes que elaborava com total dedicação. Nesses momentos agradecia a Deus por ter se separado cedo de seu marido e era feliz sendo uma mãe solteira para Rebeca. Após o término com **Derek**, seu coração congelara a tal ponto de sentir-se autosuficiente no seu dia a dia, sem a proteção e

cuidado que um marido poderia lhe proporcionar.

Derek e Lindsey haviam se conhecido em uma viagem de férias. A jovem convidou a mãe para acompanhá-la e elas se hospedaram em um luxuoso hotel cinco estrelas na Argentina. Lindsey estava linda em seu maiô salmão, debruçada sobre uma cadeira enquanto pegava sol a beira da piscina quando Derek a avistou e, imediatamente, encantou-se. O rapaz ofereceu um martini para a moça e logo eles engataram um amistoso diálogo que o levaram a mais perfeita noite de amor. Foi neste dia que Rebeca foi concebida. Não fora planejada, mas seria uma menina abençoada e agraciada com o intenso amor de sua mãe.

Durante o passeio, os dois descobriram que moravam na mesma cidade, o que facilitou sobremaneira o relacionamento de ambos. Trocaram telefones e vez por outra combinaram de se encontrarem para conversarem mais sobre a vida e o sentido de estarem juntos. Costumavam fazerem planos para uma vida futura a dois pois estavam loucamente apaixonados e, naquele momento, nada no mundo poderia separá-los. Quanto mais trocavam experiências, olhares e desejos, mais Lindsey se vangloriava por ter encontrado o homem dos sonhos e intensamente sonhava em tê-lo para todo o sempre.

Mas o destino não era favorável a Lindsey. O pequeno conto de fadas em que pensava viver aos poucos ia transformando-se em um inferno. Derek agora já não era o cara atencioso, amistoso e apaixonante de antes. Tinha ímpetos de fúria e ataques de revolta frequentes, deixando Lindsey embotada e com a visão turva, pois já não enxergava algo bonito e seguro em sua vida familiar. A jovem presenciou tudo escapar por suas rédeas de proteção e aos poucos suas esperanças iam minando sobre o que esperaria de sua vida familiar. Tinha toda certeza que esta não seria feliz e satisfatória, sentindo-se assim perdida, com um forte aperto no

coração pela rejeição que experimentava de seu marido. Algo acontecia, mas ela não entendia o que causava tanta inconformidade com o que planejava para si.

Certa tarde, Lindsey estava repousando no sofá da sala e por ironia, assistia a um filme romântico. Entre cenas de beijos e juras de amor, a jovem era um espírito nebuloso e sombrio inerte sobre o sofá da sala. Queria um pouco de distração, estava ali enquanto Rebeca dormia profundamente no quarto ao lado, mas parecia que a programação televisiva apostara na melosidade de um bom e velho romance picante. Lindsey ficara mais chateada e, logo, seu desapontamento a fez desligar a televisão com um cliquei decididamente rápido. Não queria assistir a cenas da vida cotidiana que ela ansiava ter e não pretendia se desfazer em lágrimas.

- Acho que vou dormir. - resmungava Lindsey consigo mesma após minutos de um castigo ao assistir a vida que ela nem cogitava possuir quando a campainha soou alto.

Lindsey levantou com um sobresalto e espiou por entre a fresta da janela entreaberta. Percebeu que era **Deise**, a vizinha do lado. Deise era a única companhia amistosa que possuía naquele bairro. Gostava de podar e regar as plantas de seu pequeno jardim, não tendo o hábito de fofocar e cuidar da vida alheia como costumava fazer seus outros vizinhos. Deise era tão tagarela que quando começava a falar tinha que respirar fundo por entre os diálogos interrompidos. Não faltava-çhe palavras e um assunto para um bom papo, já que morava sozinha,

- Oi Deise, - Lindsey cumprimentou a amiga pela janela e encaminhava-se para a porta principal a fim de deixá-la entrar.

- Olá Lindsey, está um belo dia para um passeio matinal ao ar livre. - Rebeca dizia alegremente, enquanto adentrava a casa da amiga, - Por que você não sai um pouco daqui para ver a cidade? Talvez até conheça alguém legal e se divirta um

pouco. - Deise sugeria a amiga, sem hesitar.

- Deise, eu sou casada. - Lindsey disse um pouco inconsolável e desconcertada com a situação que vivia em seu casamento. - Pode não ser uma vida maravilhosa, mas ainda sou casada.

- Vai pensar duas vezes se ainda quer continuar com essa história quando eu lhe contar o que vi. - afirmou Deise.

- O que aconteceu? Onde está Derek? - questionava Lindsey um pouco temerosa.

- Você vai ter que ser forte. Fui comprar pão na padaria do senhor Atenor quando avisto Derek. Ele entrou na padaria, parecia estar preocupado e incomodado. Andava pensativo de um lado para o outro e conferia o relógio incessantemente. De repente, uma garota que parecia ter a metade de sua idade entra na padaria. Eu vi a hora que ela deu um beijo em Derek e eles sentaram-se em uma mesinha pra conversar. Tentei me aproximar para escutar o assunto da conversa. Deise, sinto muito, Derek está te traindo. Se eu soubesse disso antes teria sido melhor mas nunca pensei que ele fosse capaz disso.

Lindsey ficou em choque. Não sabia o que pensar e muito menos o que dizer. Afastou-se de Deise como se quisesse respirar, pegou uma foto de Derek com ela que estava sobre a mesinha da sala e derramou lágrimas de dor e agonia. Tudo estava acabado, o amor da sua vida achara outra pessoa e pelo menos, agora ela conseguia entender sua mudança repentina e porque estava tão frio e calado nas últimas semanas. Toda a sua vida sentimental se desfazia e ruía bem diante de seus olhos. Queria acordar daquele pesadelo, não queria acreditar e por um momento desejou nunca ter conhecido Derek.

- Você tem certeza sobre isso? É muito grave essa acusação. Não seria alguma amiga ou, talvez, um trabalho paralelo? Eu não estou preparada pra sofrer uma decepção desse tamanho. Por Deus, o que eu fiz pra merecer tudo isso? - Lindsey se consumia em profunda amargura e remorso por ser

tão tola e não ter pensado que, simplesmente, seu marido não a amava mais como antes.

- Eu sinto muito Lindsey, acho melhor eu ir. Eu só entrei e contei isto porque achava que seria a melhor coisa a fazer. Como eu iria sobreviver guardando um segredo dessa proporção. Não aguentaria falar contigo sabendo que não poderia fazer nada e que seu marido era um tremendo cafageste. Fique bem Lindsey, você é uma criatura adorável, amada por Deus, e ele não deixaria que sofresse e nem que carregasse um fardo pesado demais. Talvez Deus esteja lhe livrando de um mal maior.

A jovem não demonstrou reação. Ficou ali alguns segundos que lhe pareceram uma eternidade parada sem emitir um único som. Estava em um estado de atonia e não sabia o que dizer para Deise. Parecia que esperava a amiga dizer que tudo não passara de uma brincadeira e que Derek estava bem, apenas um pouco estressado com seu serviço: o de bombeiro. Agora Derek teria que apagar as chamas de sua ira e revolta.

Por fim, Lindsey resolveu falar.

- Tudo bem Deise, você me deu um motivo pra voltar a viver. Não vou chorar e muito menos me entregar à depressão. A única coisa que posso fazer é esperá-lo chegar em casa, questionar o motivo de tamanha crueldade comigo e preparar minha vida para um novo ciclo. Serei mãe solteira e permanecerei sozinha por longo tempo. Eu amava Derek, ele me fez ser a pessoa que sou hoje. Me ajudou com a faculdade de moda, me presenteou com a primeira máquina de costura profissional e sempre me apoiou. O que farei depois dessa decepção ainda é uma incógnita, mas eu não quero me entregar pelo bem de Rebeca.

- Espero que eu tenha feito a coisa certa. - disse Deise com um tom de desconfiança e indecisão. - E dirigiu-se até a porta, de onde tomou seu rumo bastante tristonha por Lindsey e pelo fim de seu tão sólido casamento.

Derek tornara-se um homem bonito. Aquele dia estava divinamente atraente com uma calça social preta e uma camisa azul royal. Parecia que vinha de uma reunião importante e fora isso que ele pretendia aparentar para Lindsey. Também havia cortado o cabelo na véspera e a jovem sentiu-se mais aborrecida por saber que toda aquela vaidade havia surgido após o começo do seu novo relacionamento fora do casamento.

Derek, sorrateiramente, adentrou os cômodos da casa a fim de não despertar a atenção de Lindsey. Entrou no quarto do casal, tirou a camisa azul e procurava algo mais confortável para ficar em casa. Enquanto vasculhava suas peças no grande guarda-roupa formulava na mente a história que contaria para Lindsey. Fora promovido no emprego ao cargo de supervisor e, assim, precisou ir bem vestido a reunião de segunda-feira. Um começo de semana pouco atrativo para a infortunada costureira.

- Oi amor. - Lindsey tentava ser o mais natural possível.
- Chegou cedo! Aconteceu alguma coisa?

- Tenho uma novidade pra ti contar. - Derek não era um bom mentiroso e deixava escapar uma sensação de desconfiança no olhar. - Fui promovido então precisei comparecer a reunião com o chefe, hoje eu nem trabalhei, amor.

- Que formidável! Meus parabéns Derek. - Lindsey deixou escapulir sua indignação.

- Você não me chama pelo nome há muito tempo, o que aconteceu? - Derek começava a cogitar que Lindsey poderia saber de alguma coisa.

- Parabéns. - disse Lindsey com desdém.

- O que eu fiz? - questionou Derek.

- Estou sabendo do seu encontro na padaria. Formidável. Eu fico aqui feito uma besta enquanto você se diverte com novos amores.

Derek não poderia revidar. Não tinha argumentos e

estava com vergonha do que tinha feito. Ele era o errado da história então não tinha motivos para se sentir com raiva e iniciar uma discussão. Não tinha razão e estava redondamente enganado se desejasse que Lindsey o perdoasse e voltasse a ser a moça equilibrada e passiva de antes.

O rapaz não teve reação. Apenas puxou a cadeira da cozinha e sentou-se, mantendo-se cabisbaixo sem pronunciar nenhuma palavra. O circo iria pegar fogo e seu mundinho particular caiu inevitavelmente. Com total descrição e continuando mudo, Derek se levantou e foi até o quarto do casal. Pegou uma malas que haviam no chão e começou a guardar suas coisas para uma viagem definitiva até a casa de seu novo amor.

- Para onde pensa que vai? Lindsey agora começava a se exaltar e a raiva tomava conta de seus sentimentos.

- Nossa história termina aqui. - Derek pegou a alça da mala de rodinhas e começou a puxá-la até a saída da casa. Um taxi já o esperava e, assim, foi-se embora para sempre, sem nem revidar ou dizer alguma palavra de consolo para Lindsey. Sua nova história com a moça na padaria chamada Cleo iria ter um começo diferente de como foi com Lindsey e estava decidido a não cometer os mesmos erros em favor de um relacionamento feliz e duradouro.

Assim, o casamento de Derek e Lindsey chegara ao fim por conta de uma traição. A jovem não conseguia acreditar no que acabara de acontecer e não esboçava outro comportamento a não ser o de correr para o quarto, deitar na sua ex cama de casal e chorar horas a fio. Um soluço veio lhe incomodar com o choro e, de repente, sentiu-se como uma criancinha em busca de apoio e carinho.

Estava decidida a se mudar. Não queria continuar naquela cidade e rever tudo que fez parte da história do casal. Todos os dias, ao sair pela porta, teria que assumir sua nova condição de solteira e o descrédito que a sociedade dá às mães

separadas. Lindsey ainda amava Derek e estar naquela condição a trazia uma infelicidade profunda e aterradora.

Lindsey escolhera, naquele momento, se trancar no quarto e deixar rolar toda sua mágoa em incessantes lágrimas a minarem de seus olhos. Seu corpo estava tão dolorido que parecia que ela estava febril ou que fora espancada, assim, os sintomas psicossomáticos de uma possível depressão já começavam a se mostrar.

A jovem dirigiu-se ao quarto de Rebeca, ainda pequenina com 5 anos de idade, estava toda enrolada em uma manta azul e dormia profundamente. Rebeca era das poucas crianças da sua idade que chamava atenção, além de muito linda já dava sinais que seria uma pessoa difícil e de personalidade forte e marcante.

Rebeca gostava de brincar, mas Lindsey já percebia que sua filha era bastante diferente das outras. Tinha uma inteligência extraordinária e quando juntava com as outras crianças se destacava pela sua incrível criatividade nas brincadeiras. Era capaz de formular histórias inteiras e adorava imaginar personagens com suas bonecas das histórias mais apoteóticas possíveis, além de ser muito boa com todos. Emprestava seus brinquedos com satisfação.

Em um belo dia de Sol, Rebeca foi passear com a mãe no centro da cidade. Misturava-se no meio da multidão, até encontrar um garoto pobre, mal vestido, sem camisa e segurando um pequeno violão. Tocava músicas para alegrar as pessoas que por ali passavam e recebia alguns trocados por sua cantoria.

Lindsey ficou com pena. Abriu sua bolsa e deu o único caderno com lápis de cor que trazia consigo. Sem nem conhecer o garoto aproximou-se do mesmo e disse:

- Olá! Você gosta de desenhos? Toma! Pra você pintar e criar coisas legais. Eu tenho outro desse em casa, por isso pode ficar com esse aqui! - a garota estirou o braço e entregou o

caderno ao garoto.

- Muito obrigado! Irei criar coisas magníficas com esse caderninho. Você é muito legal. Qual seu nome? - perguntou o garoto um pouco intimidado.

- Me chamo Rebeca. - disse a garotinha enquanto sorria para o jovem desconhecido. - Obrigada por aceitar meu presente.

- Eu que tenho a agradecer. Nunca ninguém me deu um presente antes. Estou muito feliz e agradecido. Irei desenhar você na primeira página.

Enquanto isso, Lindsey olhava algumas bolsas no camelô próximo dali. Quando deu pela falta de Rebeca atemorizou-se e saiu em busca da menina gênio. Não demorou muito até vê-la ao lado do garoto pobre, agora segurando o novo caderno em seus braços.

- O que está fazendo aí menina? - Disse Lindsey autoritária para Rebeca.

- Estou ensinando meu novo amigo a como usar um caderno de desenho. - Rebeca entusiasmara-se com o garoto desconhecido.

- Vamos embora mocinha! - Lindsey agora segurava fortemente o braço de Rebeca e a puxava para bem longe do garotinho maltrapilho que não conhecia.

- Ei, isso dói! Tá puxando meu braço com força! - a menina reclamava com sua mãe e demonstrava teimosia diante de sua decisão de afastá-la do novo amigo, ou melhor, conhecido.

- Você não pode fazer isso. - recriminou Lindsey.

- Fazer o quê? - respondeu Rebeca.

- Falar com qualquer um, fazer amizade assim sem conhecer a pessoa. - incriminou Lindsey.

- Mas como vou saber e conhecer sem que eu fale com a pessoa? E não se pode saber se alguém é do mal ou do bem porque pode-se muito bem fingir. Às vezes quem você acha

que é bonzinho na verdade é um bruxo por trás de uma máscara.

- Você tem assistido muita televisão ultimamente para poder ter aprendido tudo isso. O que aconteceu com a programação de desenhos animados que eu assinei para que pudesse se divertir?

- Estou preferindo um documentário muito interessante sobre Psicologia e Sociedade que passa no canal três e acho que você deveria assistir. - concluiu Rebeca. - Precisa remodelar seus conceitos sobre as pessoas e a vida.

Rebeca torceu o nariz e, inadvertidamente, continuou a ver as coisas na rua como se sua filha fosse uma mulher feita e sem dúvida bem mais preparada para os inconvenientes do mundo do que poderia imaginar.

Capítulo Dois

Lindsey acordara no dia seguinte como se um bonde tivesse caído em sua cabeça. O dia anterior não havia sido fácil e agora ela pretendia deixar sua casa, emprego e tudo que havia conquistado para trás em prol de uma vida nova sem nenhuma lembrança de Derek. Queria que as coisas se ajeitassem e que tudo voltasse a ser como antes.

Desejaria viver com Derek por toda a vida, mas isto era algo fora de questão no momento. Encontraria um ponto de harmonia no seu interior e teria que ser bastante forte para dar conta do baque pelo qual estava passando. Não era nada fácil perder um grande amor, principalmente quando se tratara de Derek, um perfeito cavaleiro antes de tornar-se frio e dominador.

Derek tinha um espírito reservado. Antes do término, costumava tratar Lindsey como uma rainha e todas as suas amigas a invejavam por conta disso. Os maridos das outras eram chatos, assim achava Lindsey. Não tinham as características peculiares de seu marido, e desse modo, sentia-se afortunada, bastante sortuda com o marido incrível que a vida lhe trouxera.

- Mamãe! - Rebeca olhava para Lindsey com um grande ponto de interrogação em sua fisionomia. - O papai vai voltar logo? Porque ele não tá aqui em casa? Ele foi pra onde? Estou sentindo falta dele. Quero que a gente brinque de super-herói como fazíamos todo dia.

Derek gostava de alimentar a imaginação de Rebeca e entrava na onda das histórias criativas da filha. A última brincadeira fora a de levá-la sobre seus ombros e fazerem de conta que Rebeca podia voar. A garota dava gritos de euforia e, quase sempre, a euforia era cortada com ataques de nervos e impaciência de Lindsey, que não era muito dada aos rompantes de cianice do marido.

Porém, aos poucos, Lindsey foi dando abertura ao temperamento infantil e doce de Derek. Ele era diferente dos outros homens. Ajudava nos afazeres de casa, como cozinhar, lavar e varrer, levava Rebeca para o jardim, onde passavam horas se divertindo e ainda tinha tempo de ensinar a menininha nas tarefas escolares, o que na maioria das vezes se configurava como uma atividade insólita, já que a garota era a melhor da sala em praticamente tudo.

Muitas vezes, Derek apenas sentava ao lado da filha para assistir ao seu desempenho escolar significativamente produtivo e perfeito. Respondia todas as questões dos exercícios propostos pela professora Mara com uma rapidez fora do comum, o que para Derek já era algo nada inédito. O pai de Rebeca tinha um orgulho desmedido em ter uma filha pouco comum e acumulava lembranças dos feitos grandiosos da filha.

A última novidade da pequena notável foi comunicar para seus pais que iria ser escritora. Em um belo dia de chuva, onde não havia muitas opções de brincadeiras fora de casa, pegou um bloquinho de folhas e começou a desenhar alguns personagens criados em sua mente incalculável e irrequieta. Os desenhos eram lindos com uma riqueza de formas e expressão.

Primeiro, começou a imaginar que era uma escritora famosa e se propôs a escrever uma história sobre uma menina que descobrira um jardim mágico. Essa era uma forma que Rebeca encontrara de preencher seu tempo e sentir-se participante do mundo adulto. Já dava sinais que desenvolveria uma profissão antes mesmo de terminar o colegial e isto para seus pais era motivo de glória perante seus amigos invejosos. Afinal de contas, ter uma filha superdotada era um privilégio.

Mas essa condição não lhe trazia uma vida só de flores. Participante das brincadeiras com crianças de sua idade, ela geralmente tinha problemas de socialização ao comportar-se como um adulto em meio ao grupinho de tenra idade. Queria

organizar e decidir sempre o que fariam, o que trazia desgosto e desentendimento para com os demais. Tinha um espírito de liderança apurado e isto na época em que vivia não era, costumeiramente, aceito pelas outras crianças, que mal haviam saído das fraldas e ainda começavam a juntar letras para formar palavras simples e pouco comunicáveis.

A cada dia o desempenho de Rebeca dava um salto nas alturas. Eram em todos os quesitos que ela costumava se diferenciar, mas diferente dos outros superdotados ela não queria se isolar e nem parecer uma aberração. Ao matricular-se, fez questão de frequentar a mesma escola das outras crianças “normais” e fazia amigos na velocidade da luz. Seu Q.I. elevado facilitava a boa comunicação e também melhorava as ideias de como chamar a atenção dos outros sem tornar-se impertinente.

Até mesmo Derek utilizava o dom da filha para se dar bem. Conversava com Rebeca sobre empreendedorismo, palestras motivacionais que poderia apresentar no serviço, ideias de como se sair bem no mercado de trabalho e novas técnicas de apoio para o mundo no qual frequentava com astúcia e audácia. Rebeca era um fenômeno do conhecimento e seu pai não perdia uma oportunidade de se beneficiar com isso. Queria um sucesso rápido e sólido, assim, Rebeca era sua bússula para saber a direção que os ventos da realização pessoal poderiam tomar.

Entretanto Lindsey não se sentia satisfeita com sua filha se meter nos assuntos do pai. Brigara várias vezes com Derek sobre colocar Rebeca em um patamar elevado em suas decisões pessoais e profissionais. Ele já era adulto o suficiente para dar cabo de coisas que seriam propositalmente difíceis de resolver, mas facilitadas por ter o auxílio ininterrupto de uma inteligência rara. Lindsey não queria a filha servindo como um instrumento para quem quer que fosse e sentia que Rebeca estava, desse modo, usurpando o lugar que pessoas demoravam

tanto para conquistar.

Lindisey queria que a filha alcançasse sucesso percorrendo os caminhos da mesma maneira que os outros de sua idade. Queria a filha balbuciando palavras difíceis, fazendo desenhos com contornos irregulares, nada firmes e ainda sonhava em comprar bonequinhas com roupinhas infantis, bem enfeitadas, do jeito que as outras crianças sonhavam em ter. Rebeca havia se transformado em uma miniatura de adulto prepotente e isso a deixava bastante desconfortável e, ligeiramente, incomodada.

Crianças superdotadas tem um alto poder de assimilação e desenvolvem-se com vigor, por outro lado, não vêem o colorido da vida infantil e, logo, fecham-se em uma redoma de egoísmo, construída pelo crescente narcisismo. Uma condição denominada Síndrome de Arperger às fazem desenvolver rápida e progressivamente, entretanto as relações sociais são estagnadas e a criança priva-se de um contato humanizado com a sociedade da qual faz parte. Ela não se torna ruim, apenas se vê como alguém intocável e acima dos demais. Um problema aparente que não se desenrola é facilmente resolvido pela intervenção de um aspergiano.

Com um problema dessa magnitude, Lindsey não era capaz de enfrentar tudo sozinha, então decidiu levar a filha para uma consulta com um psicólogo. Ainda não era capaz de entender o modo que Rebeca encherava as coisas e como tratava a rotina da vida. Ela tinha pretensões e aspirações bastante diferenciadas das crianças de sua idade e isso a deixava inconformada.

O desejo por um mundo melhor e mais justo também era avassalador e por não conseguir se adequar, via na fantasia e nos contos um modo de fada uma forma de sobrevivência e realização pessoal. Assim, decidiu-se por começar a desenvolver isso enquanto criança. Trocou as bonecas por edições de grandes autores do universo honórico.

Agora, a diversão da garotinha se resumia às páginas de qualquer coisa que pudesse ler, interpretar e aprender. As letras e palavras tornaram-se suas melhores amigas, por fim, ainda na meninice decidiu que seria professora, psicóloga e escritora. Quais crianças na idade de Rebeca descobririam um ofício ainda tão jovens? Mas este era uma ânsia irrecusável de seu coração. À medida que a leitura avançava, as frases iam tomando forma com mais facilidade e preencher uma folha de textos tornou-se algo tão patético quanto regar uma pequenina flor de jardim.

Certa manhã, Lindsey acordou convencida que tomaria alguma providência com relação a Rebeca. Era sabedora que mais cedo ou mais tarde a garotinha iria precisar de um acompanhamento psicológico e quanto mais cedo comessem as sessões, melhores resultados poderiam serem vistos. Não iria comunicar sua decisão a Derek sobre um tratamento mais intenso para a filha, pois este nunca aprovara as técnicas que os psicólogos utilizavam e sempre achava tudo uma perda de tempo. Pata Derek, Rebeca estava muito bem e feliz, sem precisar de pessoas investigando-a como se ela fosse um alienígena em terras desconhecidas.

- Querida! - Lindsey tomara coragem para falar do assunto com a filha. - Decidi levá-la para uma conversa amigável com alguém, ele irá desfazer os nós que assolam sua vida. Creio que será muito proveitoso.

- Quem, mamãe? - Rebeca estranhara tal atitude da mãe, e se questionara sobre quem seria tão importante assim a ponto de merecer sua visita. Mais uma vez o egocentrismo falava mais algo em sua personalidade.

- Vou levá-la a algumas sessões de terapia com o Dr. **Neuman**. Tenho convicção que isso lhe trará mais benefícios do que imagina. Temos que assumir que você tem um problema Rebeca e quanto mais cedo tomarmos uma providência, melhores serão os resultados.